



ANA MARIA CAMPOS  
anacampos.df@dabr.com.br

## Reajustes nas mãos de Bolsonaro

Evaristo Sa/AFP



Está nas mãos do presidente Jair Bolsonaro (PL) a concessão ou não do reajuste aguardado por policiais civis e militares e bombeiros do DF. Para evitar um conflito com o funcionalismo público federal, o Planalto tem resistido a enviar uma medida provisória ao Congresso que contemple as forças de segurança da capital do país. Mas nenhum aumento da folha da Polícia Civil, PM e Corpo de Bombeiros pode ser implementado sem autorização por lei federal. Enquanto isso, os adversários de Ibaneis Rocha (MDB) surfam na dificuldade do governador em atender ao desejo das corporações em ano de eleições. É o caso do ex-deputado Alberto Fraga (União Brasil).

Heloisa Abreu/Sinpol-DF



### Presidente do Sinpol rebate Fraga: "Triste ver liderança fomentar desunião"

O presidente do Sindicato dos Policiais Civis do DF (Sinpol-DF), Alex Galvão, rebateu as críticas do ex-deputado Alberto Fraga aos benefícios concedidos pelo governador Ibaneis Rocha à categoria. Segundo Galvão, Fraga usa recursos públicos — do Fundo Eleitoral — para divulgar mentiras. "É triste ver uma liderança política fomentar conflito entre as forças de segurança e ainda, para isso, usar recursos públicos arrecadados com o suor do cidadão brasileiro". O sindicalista ressaltou: "Preciso, aqui, restabelecer a verdade: o que foi concedido aos policiais civis foram benefícios que os policiais militares já possuem há anos e que, inclusive, não atendem aos nossos policiais veteranos". Fraga gravou mensagem na propaganda político-partidária do União Brasil para dizer que policiais e bombeiros militares estavam sendo humilhados por não terem recebido os benefícios aprovados em lei para a Polícia Civil do DF.

### Cuidados continuam

A queda na taxa de transmissão por covid-19 levou o governador Ibaneis Rocha a reduzir as restrições na pandemia. Mas o coronavírus continua circulando. Ontem, houve registro de 20 mortes. Cada um precisa manter a sua parte.

### Tudo pode mudar

O caminho eleitoral de alguns políticos têm dado um nó nas negociações. Paulo Octávio, Gim Argello, Celina Leão e Rafael Prudente vão concorrer a quê? Paulo Octávio foi lançado como pré-candidato ao Senado. Celina, Gim e Prudente, à Câmara dos Deputados. Mas tudo pode mudar.

Crédito:Divulgação



### Transferência atende à segurança do DF

A transferência do traficante Marco Williams Herbas Camacho, o Marcola, da Penitenciária Federal de Brasília para a Penitenciária Federal de Porto Velho, capital de Rondônia, ocorrida ontem, foi minuciosamente trabalhada na gestão do delegado Anderson Torres como titular do Ministério da Justiça e Segurança Pública. A vinda do chefe de organização criminosa para Brasília provocou um embate duro entre Torres, então secretário de Segurança do DF, e Sergio Moro, em 2019, à época, ministro da Justiça. A avaliação entre delegados da Polícia Civil era de que a permanência de Marcola em Brasília atrairia uma rede de criminosos que atuam na órbita de líderes de facções como ele. Ibaneis chegou a pedir diretamente o retorno de Marcola para outra unidade de segurança máxima. Mas Moro bateu o pé. Agora, Anderson encerrou o caso.

### Sem decisão

Em nota, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) informou, ontem, que não tem conhecimento de nenhuma decisão do STF que tenha cassado recomendação sobre a suspensão de vacinação nas escolas do DF. "Em consulta à ADPF 947, disponível no site do STF, vê-se que o último ato foi a emissão de despacho que intima o GDF a se manifestar sobre a recomendação", afirma a Coordenação de Recursos Constitucionais do MPDFT.

Reprodução



### De volta

Fora das eleições em 2018 por inelegibilidade, o ex-deputado Roney Nemer (MDB) deve concorrer a novo mandato na Câmara Federal. Trabalha para voltar à política.

"O controle da alegada má-alocação dos recursos se dará nas urnas, oportunidade em que o financiamento público das campanhas com certeza retornará ao debate político"

Ministro Nunes Marques, do STF, sobre o aumento do Fundo Eleitoral para R\$ 4,9 bilhões

"Na esteira de um constitucionalismo de precaução, defendo ser melhor que os agentes políticos e partidários realizem seus cálculos para as eleições gerais de 2022 com valores do Fundo Eleitoral em bases mais realistas"

Ministro André Mendonça, do STF



SÓ PAPOS



Felipe Sampaio/STF



Edilson Rodrigues/Agência Senado

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos\_cb

## » Entrevista | DAVID URBAEZ | MÉDICO INFECTOLOGISTA

Para especialista, estudos tiveram avanços no período de pandemia. Ele compara o desenvolvimento da produção científica sobre o novo coronavírus ao que ocorreu durante 30 anos com o HIV. Além disso, fala sobre o risco gerado pelos não imunizados

# Covid-19 acelerou pesquisas na saúde

» EDUARDO FERNANDES\*

Dois anos desde o surgimento da covid-19, um dos principais marcos desse período foi o avanço das produções científicas em todo o mundo. Para o infectologista David Urbaez, do Exame/Dasa, a crise sanitária proporcionou o desenvolvimento de pesquisas e abriu espaço para novos questionamentos. Ontem, em entrevista à jornalista Carmen Souza, no CB.Saúde — parceria do Correio com a TV Brasília — o especialista ressaltou que, só no primeiro ano de pandemia, os estudos na área sanitária avançaram o mesmo que nos 30 anos de investigações sobre o HIV. "Neste segundo ano (de pandemia), isso se multiplicou por centenas de vezes", afirmou o médico.



### científica, qual fator você elenca como mais marcante?

Quando se tem esse tipo de explosão, em termos de crise sanitária, isso promove muita produção científica. Quando aconteceu algo semelhante com a aids, fazendo-se uma comparação, o que foi produzido em 30 anos sobre a infecção pelo HIV conseguimos refazer no primeiro ano de pandemia. Neste segundo ano, isso se multiplicou por centenas de vezes. Aconteceu porque se abriram muitas questões científicas referentes à pandemia; desde pesquisas diagnósticas, virológicas — que estudam o comportamento do vírus —; clínicas; até aquelas de vacinas e medicamentos. Isso abre várias frentes, principalmente com aporte financeiro.

### Pensando nas vacinas, o que surgirá nos próximos meses e anos?

Desde o início, tínhamos um estoque de 200 moléculas, de 200

produtos em testes que estavam (em estágios) avançados e com a novidade que todos sabem: o RNA mensageiro e o vetor viral. Mas, também, existem vacinas feitas a partir de uma subunidade de proteína, uma tecnologia conhecida e dominada antes. Há vacinas que serão aplicadas pelo local de entrada do vírus; pelo nariz, principalmente, despertando uma imunidade local. Sendo assim, é possível avançarmos para uma vacina esterilizante. Isso é uma meta a médio prazo, mas não uma grande meta. Até hoje, o mundo funcionou com outros modelos de doenças infecciosas, não necessariamente procurando vacinas esterilizantes — que têm a capacidade de retirar o agente infeccioso do corpo. Esse mundo de vacinologia está em pleno desenvolvimento. Os imunizantes que usamos hoje são de primeira geração e cumprem um papel extraordinário no que diz respeito ao manejo da pandemia. Por outro lado, haverá o desenvolvimento de medicações que também terão programas de distribuição

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



gratuitas em algum momento. E, por fim, a questão do diagnóstico, principalmente os testes rápidos. As pessoas não entendem, mas isso é de uma tecnologia extremamente sofisticada.

Muitos não se vacinaram ou completaram o ciclo. No Brasil, são 32 milhões. Como esse comportamento favorece o surgimento de novas variantes e o fortalecimento da pandemia?

Quando se usam vacinas, mesmo não esterilizantes, diminui-se a carga viral que (a população) compartilha e o tempo que essa carga está compartilhada. Dessa forma, contribui-se bastante para a diminuição da transmissão. Pandemia, o que tentamos passar, é sobre a transmissão viral, pois ela é a responsável por permitir que o vírus se perpetue no cotidiano. Sem dúvidas, tudo que é pandêmico afeta uma escala de milhões de pessoas. E, na crise sanitária, todos estão envolvidos. (Por causa de) um ou outro indivíduo que diz não se vacinar, em uma população de 214 milhões de habitantes, acumulam-se facilmente 20 ou 30 milhões (de infectados). Assim, haverá um terreno em que o vírus continuará a circular livremente, promovendo novas variantes com todos os riscos.

O presidente Bolsonaro disse que o Governo Federal começa a discutir a transformação da pandemia em uma endemia. Podemos falar sobre isso, considerando a realidade brasileira?

Falamos de conceitos que são construídos por curvas de incidência. Nós — que trabalhamos com doenças infecciosas — e epidemiologistas não somos capazes de usar esses termos, porque não se decreta que uma coisa passou de pandêmica para endêmica. Isso é um processo, o qual está longe de terminar.

### Precisaremos tomar vacinas regularmente contra o coronavírus?

Por se tratar de um vírus respiratório, há uma série de restrições em relação à imunidade que se obtém a partir do imunizante e da infecção natural. É bem provável que o cenário inclua essa vacinação uma vez por ano ou até mesmo semestralmente. Mas, na medida em que você encontre esse espectro (de infecções) e consiga definir quem evolui para casos graves ou óbito, talvez, possamos voltar para o início da pandemia, com aplicação das doses só em grupos prioritários.

\* Estagiário sob a supervisão de Jéssica Eufrásio

Após dois anos de pandemia, pensando em produção